

Brasil: a Copa do Mundo de 2014, o Private Equity e o Venture Capital

Por

Cláudio V. Furtado

Caio Ramalho

Julho/2009

O país comemorou, na última semana, a eleição das 12 cidades brasileiras que sediarão os jogos da Copa do Mundo de 2014 em grande euforia, 59 anos depois do evento no Maracanã.

Quanto trabalho e criação de negócios resultarão dos R\$110 bilhões que a ABDIB – Associação Brasileira de Indústria de Base estima serão ser investidos em transporte urbano, portos, aeroportos, energia elétrica, comunicação, saneamento, segurança, saúde e hotelaria nos próximos 5 anos para sediarmos a Copa?

Simultaneamente, e até 2014, o PAC – Programa de Aceleração do Crescimento deverá carrear mais R\$583 bilhões de investimentos em infra-estrutura. Somados, esses investimentos representam aproximadamente US\$350 bilhões, algo em torno de 24% do PIB atual, superior aos 19% destinados anualmente à formação bruta de capital fixo no país.

Impulsionando os investimentos nas empresas inovadoras, com elevados padrões de gestão e altas taxas de crescimento, despontam as operações de Private Equity e Venture Capital (PE/VC) no Brasil. O estudo Panorama da Indústria Brasileira de Private Equity e Venture Capital 2008 realizado pelo GVcepe – Centro de Estudos em Private Equity e Venture Capital da Fundação Getulio Vargas - EAESP, demonstrou que o total de recursos dos fundos de PE/VC no Brasil vem crescendo desde 2004 à assombrosa taxa de 46% ao ano e atingiu US\$31 bilhões em dezembro de 2008.

Evidências importantíssimas emergem do estudo da FGV-EAESP.

As organizações gestoras de PE/VC brasileiras foram capazes de investir US\$11 bilhões entre 2005 e 2008 em diversas empresas, na maioria pequenas e médias; mudar e fazer evoluir seus modelos de negócios; transformá-las em plataformas empresariais e consolidar setores tão diversos quanto o de diagnósticos médicos e odontológicos, educacional superior, logística, higienização (lavanderias industriais) e telecomunicações, para citar alguns. Quase 40% dos investimentos beneficiaram indústrias tradicionais e variadas, 24% a de alimentos e bebidas, 17% na construção civil, 8% no varejo e 14% em setores de ponta como agronegócios, energia, informática e eletrônica, biotecnologia, comunicação e mídia.

E não só foram capazes de consolidar para criar grandes empresas, mas também introduzir práticas de governança e de relação com acionistas minoritários que as qualificaram às exigências do Novo Mercado. Do volume total de ações vendidas em

aberturas de capital, as empresas geridas pelas organizações de PE/VC levantaram R\$27 bilhões, 31% do total vendido ao público investidor entre 2005 e 2008.

A pesquisa da FGV também mostra que os fundos de PE/VC absorvem profissionais altamente qualificados: dos quase 1500 gestores nesse setor, 75% possuem pós-graduação. E esse time é capaz de supervisionar a operação de 497 empresas investidas, muitas delas posicionadas em setores estratégicos da economia brasileira: pois dos 26 setores industriais prioritários da PDP – Política de Desenvolvimento Produtivo, o PE/VC, com suas empresas investidas, está presente em 19 setores.

A presença de 18 organizações gestoras de PE/VC com investimentos e operações globais, no Brasil, e de 15 organizações gestoras nacionais que administram recursos entre US\$150 milhões e US\$2,7 bilhões, demonstra que o campeonato está ganhando noutros setores além do futebol. Não por acaso, uma pesquisa recente da *EMPEA/Collier Capital* divulgada em Washington, DC no mês de Maio/09 indicou o Brasil como o segundo país preferencial para destino dos investimentos de PE/VC na opinião dos seus grandes investidores de recursos: fundos de pensão, *endowments/foundations*, *family offices* e outros investidores institucionais.

Esse mesmo interesse se verifica no país: os investimentos de fundos de pensão brasileiros já respondem por 24% do capital comprometido e por 50% das novas captações de 2005 a 2008.

De braços dados ao Governo no processo de capitalização das empresas inovadoras por meio da FINEP, do BNDES e de agências como ABDI e APEX, a indústria brasileira de PE/VC continuará o seu papel de criadora de inovações empresariais, de empresas sólidas e bem governadas, de empresas de alta qualificação e de oportunidades para o público investidor nas bolsas para fechar a Copa de 2014 com sua cota no título de hexa campeão!

*Cláudio V. Furtado é professor da FGV-EAESP e diretor executivo do GVcepe
Caio Ramalho é pesquisador do GVcepe*